

Contributos da Epistemologia Sistémica na Investigação com Famílias

Sotero, L.** **, Vilaça, M.** **, Cunha, D.** **, Areia, N.** **, & Portugal, A.** ** (2013)¹

* Assistente Convidada da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

** Aluna do Programa de Doutoramento Interuniversitário em Psicologia Clínica, área de especialização em Psicologia da Família e Intervenção Familiar, em regime de associação entre as Universidades de Coimbra e Lisboa.

Resumo: Considerando a importância dos estudos científicos com famílias e o crescente interesse dos investigadores por esta temática, tanto nas ciências psicológicas como noutras (e.g., educação), esta reflexão foca a utilização de uma abordagem teórica e metodológica, fundamentada na epistemologia sistémica, no desenvolvimento da investigação com famílias. Para o efeito, apresentam-se exemplos de diferentes investigações, baseadas nesta epistemologia, e evidenciam-se as diferenças entre o paradigma “tradicional” (e.g., Descartes) e o paradigma sistémico: simplicidade *versus* complexidade; estabilidade *versus* instabilidade; objetividade *versus* intersubjetividade. Pensar e investigar sistemicamente as famílias implica: cruzar fontes e níveis de informação, focar a análise na relação, contextualizar social, cultural e historicamente, considerar o fator tempo e a perspetiva longitudinal, e, finalmente, recorrer à triangulação metodológica. Resumindo, estudar as famílias, através de uma perspetiva sistémica, requer uma atitude de contextualização e de reconhecimento da causalidade recursiva, o que pode ser favorecido pela combinação de diferentes estratégias e instrumentos metodológicos.

Palavras-chave: investigação, epistemologia sistémica, metodologia, família.

Abstract: Considering the importance of scientific studies with families and the growing interest of researchers in this subject, in psychological and in other sciences (e.g., education), this work focus on the use of a theoretical and methodological approach, based on systemic epistemology, within the development in families' research. Therefore, different research' examples are presented, according to that epistemology, and the differences between the “traditional” (e.g., Descartes) and systemic paradigms are evidenced: simplicity *versus* complexity; stability *versus* instability; objectivity *versus* intersubjectivity. Thinking and researching families in a systemic way implies: crossing sources and informative levels, focusing the analysis on relation, considering the social, cultural and historical context, as well as the time

¹ Gostaríamos de deixar expressos os nossos sinceros agradecimentos à Professora Doutora Ana Paula Relvas pelo incentivo, crítica e sugestões ao longo da preparação deste trabalho.

factor and a longitudinal perspective and, finally, using methodological triangulation. In summary, studying families, through a systemic perspective, requires an attitude of contextualization and recursive causality awareness, which could be improved by the combination of different methodological strategies and instruments.

Keywords: investigation, systemic epistemology, methodology, family.

Cada método é uma linguagem e a realidade responde na língua em que é perguntada.

(Santos, 2010:48)

1. Introdução

O que sabemos depende de como sabemos. Neste sentido, toda a produção de conhecimento científico se sustenta em pressupostos epistemológicos subjacentes à própria atividade científica. Contudo, a maioria das pessoas são educadas para pensar de acordo com a epistemologia dominante na sua sociedade e têm pouca consciência de que existem outras formas de pensar (Stanton e Welsh, 2012). A explicitação e reflexão sobre “como conhecemos” oferece assim ao investigador a oportunidade de tornar claro o conjunto de regras que conduzem a sua percepção e determinam a gestão da informação na resolução de problemas (Stanton, 2009).

Tradicionalmente, desde Descartes (séc. XVII), instalaram-se como pressupostos epistemológicos da ciência tradicional: a simplicidade, a estabilidade e a objetividade (Böing *et al.*, 2008). Este paradigma da ciência remete para as crenças de que é preciso separar o objeto em partes para entender o todo (simplicidade), procurando estabelecer relações de causalidade linear, deterministas, controláveis e previsíveis (estabilidade), dado que existe uma realidade objectiva e independente do observador (objetividade). O critério de cientificidade consubstancia-se então na construção de conhecimentos “verdadeiros” e objetivos acerca da realidade (Esteves de Vasconcellos, 2003). As regras do designado método Cartesiano permitiram avanços científicos importantes, mas quando levadas ao extremo conduzem a erros conceptuais graves, como o reducionismo e o pensamento linear (Capra, 2002). Para além disso, a revolução científica iniciada por físicos como Einstein (conceito de relatividade) ou Heisenberg (princípio da incerteza) abriu a porta a uma nova

perspetiva, evidenciando os limites deste paradigma, tais como a inadequação da hipótese do determinismo mecanicista e a complexidade da distinção entre sujeito/objeto (Aun *et al.*, 2005; Santos, 2010).

Em meados dos anos setenta, as novas descobertas favorecem uma profunda reflexão epistemológica sobre o conhecimento científico (Böing *et al.*, 2008) e o paradigma sistémico desafia o paradigma clássico, propondo mudanças profundas em relação aos pressupostos epistemológicos da ciência tradicional: simplicidade *versus* complexidade, estabilidade *versus* instabilidade, objetividade *versus* intersubjetividade. Neste sentido, o investigador deve procurar contextualizar os fenómenos, reconhecer a causalidade recursiva (complexidade), entender que o mundo é um processo dinâmico de constantes transformações e, por isso, implica imprevisibilidade (instabilidade), admitindo ainda que não há uma realidade independente do observador e de que todo o conhecimento científico é uma construção social, cultural e histórica (intersubjetividade).

2. Epistemologia Sistémica Aplicada à Investigação com Famílias

No sentido de clarificar a epistemologia sistémica, é útil apresentar o triângulo teórico que a sustenta: (1) Teoria Geral dos Sistemas (Bertalanffy, 1968), (2) Teoria da Cibernética (Wiener, 1948) e (3) Modelo da Pragmática da Comunicação Humana (Watzlawick *et al.*, 1993).

A Teoria Geral dos Sistemas (Bertalanffy, 1968) sintetiza um conjunto de princípios e propriedades transversais a todos os sistemas, dos quais destacamos: totalidade (um sistema é mais do que a soma das suas partes), retroação (o comportamento de um elemento é insuficiente para explicar o comportamento de outro e vice-versa), hologramático (cada sistema é simultaneamente todo e parte) e equifinalidade (condições iniciais idênticas podem corresponder resultados diferentes e vice-versa). A Teoria da Cibernética (Wiener, 1948) estuda os mecanismos de controlo e regulação da informação nos sistemas, explicando como é que estes se transformam e evoluem. A este nível, importa destacar o conceito de sistemas auto-observantes (Foerster, 1996) que postula a impossibilidade de dissociar o investigador do seu objeto de estudo, sendo a produção de conhecimento o reflexo das suas idiosincrasias. Por fim, o Modelo da Pragmática da Comunicação Humana (Watzlawick *et al.*, 1993), que

surgiu com a intenção de compreender o efeito das interações comunicacionais no contexto das relações humanas, tem como pressuposto máximo a impossibilidade de não comunicar, ou seja, todo o comportamento é comunicação.

O estudo da família, alicerçado numa abordagem sistémica, constitui-se particularmente complexo, ultrapassando, muitas vezes, a capacidade dos desenhos de investigação e estratégias de análise de dados (Snyder e Kasak, 2005). Por conseguinte, na operacionalização de um problema e subsequente desenho de uma investigação, deve atender-se às singularidades do pensamento sistémico, evitar reducionismos no desenho de investigação (Stanton e Welsh, 2012) e ser criterioso na concretização de um esquema teórico e metodológico que possibilite a apreensão das “realidades” das famílias de uma forma abrangente, tal como são percecionadas pelos elementos dos sistemas nos contextos em que se inserem (Martins e Szymanski, 2004).

Cruzar fontes e níveis de informação

Na determinação das fontes de informação devemos contemplar diferentes subsistemas da família para que possamos ter um maior grau de certeza sobre o conhecimento produzido a respeito da “realidade” em estudo (Martins e Szymanski, 2004). Para tal, Bronfenbrenner e Morris (1998) propõe, por exemplo, o recurso a díades e/ou tríades enquanto possíveis fontes de informação (Martins e Szymanski, 2004). Um dos exemplos da aplicação deste pressuposto é a investigação levada a cabo por Portugal e Alberto (2013) em que foram recolhidas as percepções de pais e filhos sobre a comunicação familiar. Do mesmo modo, e partindo do princípio que a família integra vários níveis sistémicos (micro-, meso-, exo- e macrossistema), o investigador não deve limitar a compreensão dos fenómenos ao contexto imediato do indivíduo/família.

Foco de análise na relação

A análise do sistema familiar, mais do que a soma da análise dos seus membros individuais, consiste em estudar os elos de recursividade entre os vários membros e os contextos em que estão inseridos. Assumir a importância do plano relacional sobre o plano intrapsíquico é, assim, considerar o indivíduo como estando integrado num contexto relacional, passando o foco de análise a ser necessariamente ecossistémico

(Böing *et al.*, 2008; Martins e Szymanski, 2004). Na prática, este pressuposto concretiza-se no recurso a metodologias e instrumentos de avaliação que permitem captar a relação entre sistemas (e.g., genograma familiar, ecomapa, mapa de rede). Exemplo disso é o *Systemic Clinical Outcome Routine Evaluation* (SCORE; Stratton *et al.*, 2010), um questionário de auto-resposta, compatível com a linha do pensamento sistémico, desenvolvido de modo a avaliar vários aspetos do funcionamento familiar.

Contextualização social, cultural e histórica

Reconhecendo que não há uma “realidade” mas sim “realidades” multifacetadas a investigação, assente na abordagem sistémica, deve atender, necessariamente, à contextualização dos fenómenos a fim de apreender a complexidade que lhes é inerente (Böing *et al.*, 2008). Deste modo, importa considerar a singularidade e complexidade da rede relacional de cada família que, por sua vez, se desenvolve inserida num contexto social, cultural e histórico, também ele em constante desenvolvimento. Estes contextos são cruciais e influentes no desenvolvimento, quer a nível individual (Dessen e Neto, 2000), quer familiar (Stanton e Welsh, 2012).

Fator tempo e a perspetiva longitudinal

A complexidade inerente à epistemologia sistémica tem em consideração a importância do factor tempo para a caracterização das interações e relações familiares. Bronfenbrenner, através da teoria bioecológica (Bronfenbrenner, 1999; Bronfenbrenner e Morris, 1998), introduziu o conceito de *cronossistema* para se referir ao conjunto de mudanças que ocorrem durante o ciclo de vida individual e familiar e que enquadram a evolução dos indivíduos/famílias (Böing *et al.*, 2008: 255). Atendendo à relevância deste constructo, a adopção de desenhos de investigação longitudinais parece impor-se como um caminho possível para responder a parte da complexidade que a abordagem sistémica acarreta. De acordo com Stanton e Welsh (2012), a trajetória das mudanças do comportamento não é linear e varia de sistema para sistema. Por esse motivo, os autores sugerem que a investigação deve contemplar momentos temporais distintos de avaliação do fenómeno sob-estudo (Stanton e Welsh, 2012). Exemplo disto é a investigação conduzida por Sotero, Major, Escudero, e Relvas (submetido) que através de um desenho longitudinal, composto por

dois momentos de avaliação (1ª e 4ª sessões do processo terapêutico), analisa a evolução da aliança terapêutica com clientes voluntários e involuntários.

Triangulação metodológica

A triangulação metodológica tem-se revelado profícua na aproximação às “realidades” em estudo, pressupondo a combinação de diferentes métodos, metodologias ou perspectivas. Para alguns autores a triangulação metodológica é uma forma de combinar vários métodos qualitativos entre si (Flick, 2005a, 2005b); para outros, refere-se à articulação de métodos quantitativos e qualitativos (Fielding e Schreier, 2001; Flick, 2005a); podendo ainda significar algo mais geral, como a integração de diferentes perspectivas no fenómeno em estudo (Kelle, 2001; Kelle e Erzberger, 2005; Flick, 2005a, 2005b). Independentemente da aceção adotada, a triangulação metodológica é uma atitude fundamental para aceitar a complexidade das “realidades” estudadas. Por exemplo, num estudo de caso de um casal com um elemento jogador patológico (Cunha *et al.*, submetido) recorreu-se à metodologia quantitativa e qualitativa com o objetivo de avaliar o funcionamento conjugal. Na análise dos resultados verificou-se que a utilização de diferentes metodologias possibilitou a complementaridade dos dados e, assim, um conhecimento aprofundado sobre o casal, o que não seria possível com o recurso isolado a uma das metodologias.

3. Nota Conclusiva

Os pressupostos epistemológicos e as escolhas metodológicas do investigador influenciam todas as fases do processo de investigação, incluindo: (1) o modo como se formulam as questões relativamente ao problema em estudo, (2) como se operacionalizam os construtos, (3) como se selecionam os sujeitos de uma população, (4) como se analisam os dados, e (5) como se dá significado aos resultados (Snyder e Kazak, 2005).

Para estudar os sistemas sociais (sistemas dinâmicos) a ciência carece de uma metodologia apropriada, distinta daquela que é habitualmente utilizada no estudo dos sistemas mecânicos (sistemas fechados). Nesse sentido, para estudar os sistemas humanos é aconselhável um referencial teórico e propostas metodológicas que possibilitem apreender a complexidade do tema. Embora se proponha, nesta reflexão,

a epistemologia sistêmica na investigação com famílias, enfatizando-se a necessidade de atender ao contexto, à complexidade e à reciprocidade entre diferentes elementos, não existe apenas uma estratégia metodológica ideal, ou superior a outras, sendo a adequação dos métodos ao problema em estudo e a combinação de diferentes estratégias metodológicas, o que permite a construção de meta-pontos de vista que representem recortes da realidade (Böing *et al.*, 2008), necessariamente limitados e circunscritos a um espaço e tempo.

Referências Bibliográficas

- Aun, Juliana Gontijo; Esteves de Vasconcellos, Maria José; Coelho, Sônia Vieira (2005), *Atendimento de famílias e redes sociais: Fundamentos teóricos e epistemológicos*. Belo Horizonte: Oficina de Arte e Prosa.
- Bertalanffy, Ludwig von (1968), *General systems theory*. New York, NY: Braziller.
- Böing, Elisângela; Crepaldi, Maria; Moré, Carmen (2008), "Pesquisa com Famílias: Aspectos Teórico-Metodológicos", *Paidéia*, 18(40), 251-266.
- Bronfenbrenner, Urie (1999), "Environments in developmental perspective: Theoretical and operational models" in Sarah Friedman e Theodore Wachs (eds.), *Measuring environment across life span: Emerging methods and concepts*. Washington DC: American Psychological Association, 3-30.
- Bronfenbrenner, Urie; Morris, Pamela (1998), "The Ecology of Developmental Processes" in William Damon e Richard Lerner (eds.), *Handbook of Child Psychology: Vol. 1. Theoretical models of human development*. New York: John Wiley & Sons, 993-1027.
- Capra, Fritjof (2002), *The hidden connections: A science for sustainable living*. New York: Anchor Books.
- Cunha, Diana; Sotero, Luciana; Relvas, Ana Paula (2013), "Análise das perspectivas de um jogador patológico e seu cônjuge sobre aspectos familiares, conjugais e individuais. Estudo de caso", Manuscrito submetido para publicação.
- Dessen, Maria; Neto, Norberto (2000), "Questões de Família e Desenvolvimento e a Prática de Pesquisa", *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16(3), iii-v.
- Esteves de Vasconcellos, Maria José (2003), *Pensamento sistêmico: O novo paradigma da ciência*. Campinas, SP: Papirus.
- Fielding, Nigel; Schreier, Margit (2001), "Introduction: On the Compatibility between Qualitative and Quantitative Research Methods", *Forum Qualitative Sozialforschung/Forum: Qualitative Social Research*, 2(1), Art. 4. Consultado a 24.10.13 em <http://qualitative-research.net/fqs/fqs-eng.htm>
- Flick, Uwe (2005a), *Métodos Qualitativos na Investigação Científica*. Lisboa: Monitor [2.ª ed.].
- Flick, Uwe (2005b), "Triangulation in Qualitative Research", in Uwe Flick, Ernst von Kardorff e Ines Steinke (eds.), *A Companion to Qualitative Research*. London: Sage, 178-183.

- Foerster, Heinz von (1996), *Las semillas de la cibernética: obras escogidas*. Barcelona: Gedisa [2. Ed.].
- Kelle, Udo (2001), "Sociological Explanations between Micro and Macro and the Integration of Qualitative and Quantitative Methods", *Forum Qualitative Sozialforschung/Forum: Qualitative Social Research*, 2(1), Art. 5. Consultado a 24.10.13 em <http://qualitative-research.net/fqs/fqs-eng.htm>
- Kelle, Udo; Erzberger, Christian (2005), "Qualitative and Quantitative Methods: Not in Opposition", in Uwe Flick, Ernst von Kardorff e Ines Steinke (eds.), *A Companion to Qualitative Research*. London: Sage, 172-177.
- Martins, Edna; Szymanski, Heloisa (2004), "A Abordagem Ecológica de Uie Bronfenbrenner em Estudos com Famílias", *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 4(1), 63-77.
- Portugal, Alda; Alberto, Isabel (2013), "A Comunicação Parento-filial: Estudo das dimensões comunicacionais realçadas por progenitores e por filhos", *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26(3), 319-326.
- Snyder, Douglas; Kazak, Anne (2005), "Methodology in Family Science: Introduction to the Special Issue", *Journal of Family Psychology*, 19(1), 3-5.
- Sotero, Luciana; Major, Sofia; Escudero, Valentim; Relvas, Ana Paula (2013), "Therapeutic Alliance with Involuntary Clients: How Does it Work?", Manuscrito submetido para publicação.
- Santos, Boaventura de Sousa (2010), *Um discurso sobre as ciências*. Porto: Afrontamento [16ª ed.; orig. 1988].
- Stanton, Mark (2009), "The Systemic Epistemology of Family Psychology", in James Bray e Mark Stanton (eds.), *Handbook of family psychology*. Oxford: Wiley-Blackwell, 5-20.
- Stanton, Mark; Welsh, Robert (2012), "Systemic Thinking in Couple and Family Psychology Research Practice", *Couple and Family Psychology: Research and Practice*, 1(1), 14-30.
- Stratton, Peter; Bland, Julia; Janes, Emma; Lask, Judith (2010), "Developing an indicator of family function and a practicable outcome measure for systemic therapy and couple therapy: The SCORE", *Journal of Family Therapy*, 32, 232-258.
- Watzlawick, Paul; Beavin, Janet; Jackson, Don (1993), *Pragmática da Comunicação Humana. Um Estudo dos Padrões, Patologias e Paradoxos da Interação*. São Paulo: Editora Cultrix [9.ª ed.; orig. 1967].
- Wiener, Norbert (1948), *Cybernetics or Control and Communication in the Animal and the Machine*. New York: John Wiley & Sons.